



Contribuições do Magistério do Papa Francisco para a hermenêutica ecumênica da fé cristã: Aproximações para o ecumenismo na América Latina¹

Contributions of the magistry of Pope Francis to the ecumenical hermeneutic of the christian faith: approaches to ecumenism in latin America

Elias Wolff²

Resumo: O objetivo deste estudo é verificar como o magistério do Papa Francisco contribui para uma hermenêutica ecumênica da fé cristã, estabelecendo aproximações desse magistério com o ecumenismo na América Latina. Sem desconsiderar as especificidades temáticas que compõem a pauta do diálogo entre as igrejas, propõe-se uma ressignificação do termo “ecumenismo”, estabelecendo interações com elementos socioculturais e o pluralismo religioso do nosso tempo. O método da pesquisa é a leitura qualitativa de textos bibliográficos e documentais que expressam o ensino ecumênico do Papa Francisco, à esteira do ensino do Vaticano II. A conclusão é que, além da Igreja Católica Romana na América Latina, outras igrejas integradas no movimento ecumênico do continente podem acolher o ensino ecumênico do Papa Francisco, dando passos para uma hermenêutica de suas doutrinas em perspectiva ecumênica, fortalecendo, assim, as iniciativas de diálogo existentes na região.

Palavras-chave: Magistério do Papa Francisco. Hermenêutica ecumênica. América Latina. Igreja.

Abstract: The aim of this study is to verify how Pope Francis' magisterium contributes to an ecumenical hermeneutics of the Christian faith, establishing approximations between this magisterium and ecumenism in Latin America. Without disregarding the thematic specificities that make up the agenda of the dialogue between the churches, a redefinition of the term “ecumenism” is proposed, establishing interactions with sociocultural elements and the religious pluralism of our time. The research method is the qualitative reading of bibliographical and documentary texts that express the ecumenical teaching of Pope Francis, in the wake of the teaching of Vatican II. The conclusion is that, in addition to the Roman Catholic Church in Latin America, other churches integrated in the ecumenical movement of the continent can welcome the ecumenical teaching of Pope Francis, taking steps towards a hermeneutic of his doctrines in an ecumenical perspective, thus strengthening the initiatives of dialogue in the region.

Keywords: Magisterium of Pope Francis. Ecumenical Hermeneutics. Latin America. Church. Society.

Introdução

Dentre as expectativas que se colhe do pontificado do Papa Francisco está a de possibilitar progressos no diálogo ecumênico, como também entre as culturas e as religiões. É o que se verifica

¹ Este artigo foi recebido em 5 de julho de 2023 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 26 de agosto de 2024.

² Doutor em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. p.eliaswolff@gmail.com



em sua proposta por reformas eclesiais, a afirmação da sinodalidade, a cultura do encontro e do diálogo, as declarações comuns com lideranças de igrejas e de religiões, entre outros.

Neste estudo, analisamos como tais fatos no contexto do magistério de Francisco contribuem para uma hermenêutica ecumênica, com aproximações para o movimento ecumênico latino-americano. Situamos aqui a Igreja Católica na América Latina no pluralismo eclesial e religioso do continente, identificando desafios para o diálogo e a cooperação na unidade cristã e na promoção da vida humana e da defesa da criação.

Esse esforço possibilita um processo de ressignificação do conceito de ecumenismo, enfatizando a interação entre elementos socioculturais e religiosos. Nisso, o diálogo entre as igrejas é fortalecido, mas também ampliado pelo diálogo intercultural e inter-religioso. As pautas ecumênicas sobre a concepção de igreja, sacramentos, ministérios e outros se conectam com questões socioculturais do mundo atual, como o desenvolvimento das ciências, questões de gênero, a midiaticização e digitalização das relações humanas, questões ambientais. Nesses entre-lugares do diálogo, o Papa Francisco contribui com uma proposta hermenêutica afirmando “o diálogo como caminho”, “a colaboração como conduta” e “o conhecimento mútuo como método e critério”, o que estimula avanços no campo da hermenêutica ecumênica também na América Latina.

O panorama do universo religioso plural da América Latina e suas exigências para uma hermenêutica ecumênica

Os povos latino-americanos são formados por uma rica diversidade étnica, cultural e espiritual que enriquece a convivência e, ao mesmo tempo, a desafia. No universo cristão, estão as consideradas igrejas históricas, as comunidades pentecostais e neopentecostais. Fora do âmbito cristão, existem as religiões tradicionais, como o judaísmo, o islamismo, o budismo e o hinduísmo; as religiões dos povos indígenas e as religiões de matriz afro-americana; e, a partir da segunda metade do século XX, intensificam-se os novos movimentos religiosos de diferentes vertentes, como Nova Era, Seicho-No-Iê, Hare Krishna, entre outros.

Esse campo religioso torna-se ainda mais diversificado com a atual globalização, sobretudo por elementos como a mobilidade humana, a urbanização e a cultura secularizada pós-moderna. Expressões de fé tradicionais mesclam-se com práticas religiosas contemporâneas, numa hibridização do universo religioso. Pesquisas mostram que, em países como Guatemala, Nicarágua



e Honduras, diminui-se consideravelmente a distância do percentual entre católicos e evangélicos.³ El Salvador, Brasil, Costa Rica, Panamá, República Dominicana e Bolívia têm, todos, mais de 20% da população evangélica.⁴ Essa diversidade religiosa apresenta, por um lado, possibilidades de uma “cultura do encontro” e uma “cultura do diálogo” entre os universos de sentido que cada credo propõe. Por outro lado, existem posturas que separam, dividem, geram violência, propagando o fundamentalismo e a intolerância religiosa.

Nesse contexto, é um desafio propor um ecumenismo na América Latina, aproximando as diversas comunidades cristãs e também contribuindo para a cooperação entre as religiões. Há que se pensar um ecumenismo no qual se mantenham as especificidades da fé numa comunidade religiosa, sem obstaculizar a corresponsabilidade dos credos na afirmação do sentido religioso da realidade. Apresentamos três desafios considerados fundamentais para isso.

a) Assumir a pluralidade religiosa

A pluralidade é constitutiva da realidade religiosa do nosso tempo. E nesse contexto é que se identificam os parceiros do diálogo, os objetivos, os métodos e as pautas da conversação. Na América Latina, os séculos de hegemonia do cristianismo na sua versão católica romana nem sempre facilitam um olhar positivo para o pluralismo de credos. Atualmente, as dificuldades aumentam com a intensificação da fragmentação cristã na vertente pentecostal e o aumento das religiosidades esotéricas. A realidade religiosa multiforme, e por vezes anárquica, desafia a estabilidade de estruturas socioculturais e religiosas, como o catolicismo e o protestantismo histórico.

Não se pode ser indiferente à realidade religiosa plural do continente latino-americano, negá-la ou subestimá-la no seu potencial de congregar pessoas e formar convicções. Mesmo sem concordar com tudo, é preciso admitir o esforço que religiosidades hodiernas realizam para oferecer sentido à vida das pessoas e da realidade como um todo. Elas mostram-se com significativo potencial para transformar visões de mundo e modelar comportamentos. Valorizar esse fato leva a um diálogo fecundo entre a fé cristã e as religiões.

³ INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências. Introdução. *Dossiê 59*, dez, 2022, p. 6.

⁴ INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL, 2022, p. 6.



Há um desafio particular a ser assumido pelas igrejas: o testemunho da fé comum que caracteriza o ecumenismo no horizonte cristão. Para isso, cada igreja é chamada a situar-se dialogicamente frente às outras, discernindo o que é divergente e o que é apenas diferente. Urge colher o positivo no universo eclesial plural na América Latina. Não significa legitimar tudo, mas discernir como as igrejas, com suas diferenças, contribuem para a comunhão na fé. O Papa Francisco propõe uma unidade que não cancele a legítima diversidade, ou uma “diversidade reconciliada” (EG 230).⁵ O desafio é discernir a ação do Espírito que concede às igrejas a “graça multiforme” (1Pe 4,10): “A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade” (EG 131). Assim, uma igreja não deve julgar a outra unicamente a partir de sua doutrina; o determinante para uma mútua compreensão entre elas é o Evangelho, o que legitima as diferentes igrejas na fidelidade ao Reino presente nos diferentes tempos e contextos: “Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG 117).

Isso requer assumir a pluralidade como paradigma do ser cristão e do ser eclesial, de modo que a justificação da confissão cristã se dá por um diálogo entre hermenêuticas diversas nas tradições eclesiais; a sistematização da verdade cristã não é um caminho de mão única. Desse modo, o ecumenismo é impulsionado por um saber plural da fé cristã, como possíveis hermenêuticas diferenciadas do Evangelho, e justificado por uma teologia dialogal. Isso implica num redimensionamento epistêmico do pensar da fé nas igrejas, em perspectiva ecumênica, com a revisão de métodos, hermenêuticas, categorias e linguagem. As doutrinas tradicionalmente estabelecidas são, então, revistas numa perspectiva interconfessional, pela qual verdades da fé cristã são reconhecidas no contexto eclesial plural e expressadas de modo a manter as especificidades eclesiais sem que tais sejam empecilhos à comunhão em Cristo.

b) Ressemantização do termo ecumenismo

No contexto religioso plural, a busca pela unidade cristã interage com iniciativas de diálogo entre os diferentes sistemas religiosos, numa ressignificação de “ecumenismo”. De um lado, designa os esforços por unidade na fé cristã; de outro, amplia a semântica do termo para além do

⁵ Princípio tomado de Oscar CULLLMANN. *L'unità attraverso la diversità. Il suo fondamento e il problema della sua realizzazione*. Brescia: Queriniana, 1987.



universo cristão. É, então, possível pensar um ecumenismo inter-religioso pela busca do Sentido Último; um ecumenismo social pelos esforços comuns de promoção da justiça, da dignidade humana e da paz; um ecumenismo intercultural pelo encontro das diferentes formas de ser e de viver nos países latino-americanos; e um ecumenismo cristão, pela busca da unidade na fé.

Na proposta de uma cultura do encontro, o Papa Francisco aponta para uma compreensão de ecumenismo que integre diferentes cosmovisões das pessoas e dos povos, das culturas e das religiões. E isso de modo prático: “Um diálogo é sempre um encontro entre pessoas com um nome, um rosto, uma história, e não apenas um confronto de ideias”.⁶ Situa-se, assim, o ecumenismo no contexto sociocultural e religioso latino-americano, na gravidade dos problemas aí existentes e das experiências de fé aí vividas, como o *locus* de onde emergem as exigências para a unidade cristã e a cooperação entre as religiões. Para Francisco, na *oikoumene*, “tudo está interligado” (LS 92, 120), de modo que o ecumenismo cristão é um modo privilegiado de contribuir para a ecumene em sentido amplo. E é progredindo na busca da unidade na fé que as igrejas podem melhor contribuir para o cuidado da Casa Comum, a construção da Fraternidade Universal e o Pacto Educativo Global. O magistério de Francisco é, assim, “um marco histórico na busca da unidade dos cristãos e da cooperação entre as Igrejas por um mundo de justiça e de paz”,⁷ interagindo com outras formas de estar e atuar na *oikoumene* em nosso tempo.

Contudo, isso não deslegitima a especificidade das igrejas. O ecumenismo cristão não está *démodé*, como se fosse cancelado o mandato de Jesus: “Sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17,24). As igrejas na América Latina são convocadas à perseverança nos esforços de diálogo e reconciliação, intensificando o intercâmbio dos seus dons e carismas, expressando uma identidade eclesial que supere todo confessionalismo e exclusivismo. Nesse sentido, o Papa Francisco propõe uma “Igreja em saída” da autorreferencialidade, que aponte para Cristo e seu Evangelho do Reino, base da comunhão que as igrejas buscam. O desafio é um ecumenismo aberto, no sentido de que “os mesmos princípios que inspiram a ação política e a construção da paz social das nações e entre

⁶ FRANCISCO. Meditação na Divina Liturgia. (Istambul, 30/11/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141130_divina-liturgia-turchia.pdf. Acesso: 25 jun. 2023.

⁷ RABOLINI, Luisa (trad.). Papa Francisco no CMI: o rev. Tveit afirma que é um "marco histórico na busca da unidade cristã e cooperação das Igrejas". (Genebra, 15 maio de 2018). Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/579068-papa-francisco-no-cmi-o-rev-tveit-afirma-que-e-um-marco-historico-na-busca-da-unidade-crista-e-cooperacao-das-igrejas>. Acesso: 14/06/2023.



as nações inspiram a ação teológico-pastoral e são aplicáveis à construção do povo de Deus e às relações ecumênicas entre as Igrejas” (EG 217-237). É nesse sentido que entendemos como o magistério de Francisco contribui para o movimento ecumênico na América Latina, estimulando as igrejas para um “ecumenismo em saída”, assumindo os desafios socioculturais e religiosos dos povos do continente.

c) *Identificar as pautas comuns do diálogo*

Do contexto plural emergem as pautas do diálogo ecumênico no nosso tempo, formadas por questões candentes como a globalização, a tecnociência, a bioeticidade, a ecologia, a interculturalidade, o pluralismo religioso, questões de gênero, as mídias eletrônicas e digitais, a inteligência artificial, entre outras. Isso mostra que o pensar da fé “caminha juntamente com a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo”,⁸ e as igrejas se deparam com a “nova problemática teológica”⁹ de cada tempo e contexto.

Contudo, o diálogo entre as igrejas não pode abandonar temas clássicos como a graça, a eclesiologia, os ministérios, os sacramentos, a escatologia, a missão, entre outros, sempre presentes na vida das igrejas e que formam o “princípio arquetônico”¹⁰ da teologia cristã. O importante é reler esses temas com novos enfoques e novas articulações, conforme os novos contextos, numa relação de intersaberes e interconfessionalidades. Nisso se mostra o desafio da hermenêutica ecumênica: atualizar os temas nucleares da fé cristã com novas perspectivas teológicas ainda em construção, como decolonialidade e pluralidade, ressignificando conceitos como revelação, ressurreição, reino, igreja, sacramento, missão, pecado e salvação. Mais do que manter esses conceitos, importa garantir a sua *intencionalidade*, permitindo apropriar-se da *realidade* que eles indicam. A teologia ecumênica precisa “encontrar palavras novas para dizer coisas antigas e tradicionais e fazer-se entender”.¹¹ Desse modo, numa hermenêutica ecumênica da fé cristã na América Latina, redimensiona-se a eclesiologia; revê-se o conceito de pessoa na Trindade e

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual: Gaudium et spes*. Paulus: São Paulo 2007, n. 40.

⁹ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 51.

¹⁰ MONDIN, Battista. *Introduzione alla teologia*. Milão: Massimo, 1983, p. 8-11.

¹¹ BINGEMER, Maria Clara L. A teologia na universidade: desafios e perspectivas, em FREITAS, Maria Carmelita de, (ed.), *Teologia e sociedade: relevância e funções*. Belo Horizonte: SOTER. Paulinas, São Paulo, 2006, p. 139.



o *homoousios* (mesma substância) na cristologia; supera-se a concepção extrinsecista da graça em relação à natureza, enraizada na compreensão de um deísmo intervencionista na história; supera-se o signo da moral natural em muitos aspectos da vida cristã; abandona-se a concepção mágica dos sacramentos; e são revistas categorias como substância e transubstanciação na teologia eucarística. Contribui também para repensar as instituições e estruturas da igreja, o centralismo clerical, a condição das mulheres e o laicato. Isso move o estabelecido como definitivo, mostrando que a verdade cristã é dinâmica e processual. São caminhos necessários para uma hermenêutica ecumênica da fé cristã na América Latina – como em todo o mundo cristão –, superando concepções anacrônicas, fundamentalistas e exclusivistas da fé cristã e construindo uma *episteme* em perspectiva ecumênica e libertadora.

Contribuições hermenêuticas do magistério de Francisco

O Papa Francisco propõe elementos significativos para as tarefas acima indicadas, com destaque para: a perspectiva da “saída”, que requer um corajoso e ousado processo de reformas no ser, no pensar e no agir eclesial; a unidade na diversidade, que legitima diferentes formulações da fé em comunhão no seu conteúdo; a sinodalidade, numa corresponsabilidade de todos os fiéis; a conversão pastoral da igreja em perspectiva missionária; e a cultura do encontro e do diálogo. São elementos-chave no redimensionamento teológico-pastoral desse pontificado, em perspectiva conciliar, com positivas implicações para o ecumenismo.

Não obstante o fato de o magistério do Papa Francisco ser vinculante apenas para as comunidades católicas, o seu ensino nos aspectos acima elencados pode ser útil para todas as igrejas que assumem o ecumenismo numa perspectiva de “saída” de si mesmas. Serve a todas as igrejas o apelo que Francisco faz aos fiéis católicos para que “sejam ousados e criativos” (EG 33) na compreensão, na vivência e no testemunho da fé. Ousadia e criatividade estimulam o pensar da fé em perspectiva ecumênica; capacitam para melhor identificar convergências e consensos nas expressões multiformes da verdade (EG 41), que expressam a “riqueza inesgotável do Evangelho” (EG 40); e impulsionam o testemunho comum do Evangelho. O Papa está convicto de que “se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho” (EG 246). Ele contribui para que as diferentes igrejas revejam suas doutrinas com um



novo espírito, atualizando as categorias e linguagens tradicionais em sintonia com os novos contextos, de modo que a fé cristã seja compreensível e tenha acolhida. Ecumenistas constataam que “com a eleição do cardeal Bergoglio [...] a gramática do ecumenismo adquiriu novos significados e abriu novos paradigmas”.¹² De fato, o Papa Francisco impulsiona um novo pensar teológico ao afirmar aos participantes do congresso sobre universidades católicas na América Latina:

O investigador tem mente e coração missionários. Não se contenta com o que tem, vai à procura [...] Por isso, deixa a pátria das suas convicções e dos seus hábitos, indo rumo a lugares inexplorados [...] É precisamente a tensão entre saber e não saber que o impele a avançar, protegendo-o da presunção de saber tudo. Sabe e deixa-se surpreender pelo que conhecerá¹³.

Teólogos e teólogas da América Latina buscam caminhos inexplorados da fé cristã em perspectiva ecumênica.¹⁴ Com o Papa Francisco, compreendem a dinamicidade e a processualidade da própria fé, e que seu entendimento será mais rico se acontecer no diálogo com a doutrina de outra igreja. Mais do que comparar enunciados doutrinários, busca-se rever seus fundamentos originais, bíblicos e patrísticos, e seu desenvolvimento na história das diferentes tradições eclesiais. Nesse processo, em sintonia com o movimento ecumênico mundial, cada igreja precisa aprender a “partilhar com outras formas de hermenêuticas a meta de facilitar a interpretação, comunicação e recepção dos textos, símbolos e práticas que configuram o sentido para as comunidades particulares”.¹⁵

Assim, o ecumenismo latino-americano requer uma “saída hermenêutica” que supere interpretações anacrônicas e confessionalistas do Evangelho. A interpretação da fé pressupõe

¹² BIASIN, Francisco. Novo impulso ao ecumenismo e ao diálogo nas palavras e nos gestos de Papa Francisco. In DA SILVA, Dayvid; NOBRE, José Aguiar. *O Projeto de Francisco*. São Paulo: RECRIAR, 2023, p. 329.

¹³ FRANCISCO. Discurso aos participantes do Congresso sobre universidades católicas na América Latina e Caribe (Roma, 04/05/2023) Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/may/documents/20230504-universidades-catolicas.html>. Acesso: 04/06/2023.

¹⁴ WOLFF, Elias. Methodological principles for a Latin American ecumenical theology. *Gregorianum* 100, 3, 2019, p. 537-558; SINNER, Rudolf von, “Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural. Reflexões sobre contextualidade e catolicidade”, *Estudos Teológicos* 44, 2004, p. 26-57. Situa-se aqui a proposta da Coleção de Teologia Ecumênica Latino-Americana, em processo de construção. Trata-se de um Projeto de Pesquisa que reúne cerca de 60 pesquisadores/as da América Latina, de diferentes igrejas, com o intuito de publicar 31 livros, revisando temas nucleares da fé cristã em perspectiva ecumênica, nos eixos bíblico, sistemático e pastoral. WOLFF, Elias. Coleção teologia ecumênica latino-americana. *Caminhos de Diálogo*, v 11, n. 18, 2023, p. 154-156.

¹⁵ FÉ E CONSTITUIÇÃO, A Treasure in Earthen Vessels – An instrument for an ecumenical reflection on hermeneutics. Bialystok (Polónia), 1998, n. 5.



a *regula fidei* de uma tradição eclesial, mas não se reduz a ela. Precisa estar aberta às tradições hermenêuticas de outras igrejas. Desse modo, não é suficiente uma igreja rever a compreensão e transmissão da fé apenas para si mesma. Ela fala também “para fora” e precisa superar os obstáculos à compreensão da sua doutrina por outras igrejas (cf. UR 11). Uma igreja em saída ecumênica preocupa-se com “como textos, símbolos e práticas das várias igrejas podem ser interpretados, comunicados e mutuamente recebidos como igrejas engajadas no diálogo”.¹⁶ Nas palavras de Francisco, “Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós” (EG 246). Desse modo,

numa teologia ecumênica, justifica-se o esforço de contínua reinterpretação do seu caráter confessional por uma interação com a teologia de outras igrejas. Por isso a teologia que contempla a dimensão ecumênica da fé assume as características da particularidade e da universalidade da fé, o que acontece, por um lado, colhendo a inteligência da fé tal como as igrejas a concebem em suas tradições; e, por outro lado, apontando para a transcendência do objeto da fé, além das concepções confessionais¹⁷.

O fundamental é ir ao essencial da fé, que incide na vida cristã, na organização e na missão da igreja: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). E para isso, muito contribui o vínculo entre reformas e ecumenismo. As igrejas precisam ter a coragem de promover reformas amplas e profundas, discernindo o que precisa ser mudado para que se explicita de modo mais convincente o que permanece, como exigência do Evangelho que proclamam, como “costumes, os estilos, a linguagem e toda a estrutura eclesial” (EG 27). Esse processo precisa ser ecumênico, numa corresponsabilidade entre as igrejas no discernimento das verdades de fé. O Papa Francisco mostra-se disponível a isso, esclarecendo que não tem “uma palavra definitiva ou completa” (EG 16) em tudo o que se discute sobre a igreja e o mundo. E, sem medo da teologia, seus discursos incentivam uma revisão de métodos, linguagem e princípios hermenêuticos que tornem a fé compreensível aos fiéis de hoje, levando as igrejas a discernirem juntas o essencial do Evangelho.¹⁸

¹⁶ FÉ E CONSTITUIÇÃO, 1998, n. 5.

¹⁷ WOLFF, 2019, p. 548-549.

¹⁸ ANDRADE, Rodrigo. Os discursos ecumênicos do Papa Francisco: avanços na direção da unidade dos cristãos. *Caminhos de Diálogo*, v. 6, n. 8, 2018, p. 45-49.



O diálogo, a colaboração e o conhecimento

Além do que já foi dito, outra importante contribuição do ensino do Papa Francisco para uma hermenêutica ecumênica latino-americana está na afirmação da Declaração Comum com o Grande Imame Ahmad Al-Tayyeb, em Abu Dhabi, 2019: “declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério”.¹⁹ Essa frase impulsiona o diálogo em sentido amplo, envolvendo culturas, religiões e igrejas. Analisamos aqui seu valor na perspectiva do ecumenismo cristão.

a) “A cultura do diálogo como caminho”

O diálogo não é apenas um meio, uma estratégia ou método; precisa ser uma cultura, um modo de ser, constitutivo da pessoa, das comunidades religiosas e de um povo. E como caminho, o diálogo é um percurso a ser feito continuamente. Não há outro modo possível para o entendimento mútuo além de colocar-se no caminho e fazê-lo juntos. Aí, as diferenças se encontram, vislumbram horizontes comuns e estabelecem metas conjuntas.

O caminho exige das igrejas a disponibilidade para aproximações, encontros e intercâmbios. Trata-se de um percurso sinodal, que não pode se limitar às fronteiras da Igreja Católica, mas que indaga a consciência dialógica da fé, envolvendo outras confissões cristãs, religiões e culturas.²⁰ E isso requer a acolhida das igrejas parceiras de estrada, a percepção de seus valores, virtudes e dons, como também de seus limites e carências. Assim, cada igreja compreende que não está sozinha no caminho do Evangelho e que sua doutrina não é a única orientação do caminho. Isso justifica todo esforço de diálogo e de caminhar juntos, sinodalmente. Jesus é o paradigma do encontro, do diálogo e do caminho comum, como fez com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), e assim deve ser também com a igreja.

Pôr-se a caminho é estar num espaço fronteiro entre uma realidade e outra, aproximando as diferentes realidades e integrando-as num universo comum. A cultura do “diálogo como caminho” mostra que as verdades de fé também são fronteiriças e estão sempre sob o signo da

¹⁹ PAPA FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019.

²⁰ COLET, Raquel de Fátima. Sinodalidade e diálogo: imperativos ecumênicos para o “caminhar juntos” a partir do sínodo 2021-2024. *Caminhos de diálogo*, v. 11, n. 18, 2023, p. 92.



inquietação e dos questionamentos que impellem a novos horizontes de sentido. Fronteira não é um lugar “só meu”, mas de muitos, um entre-lugar, o que apresenta desafios e oportunidades. Exige autocrítica para poder enriquecer-se com outros saberes, outras cosmovisões e outras expressões de fé. Assim, a cultura do diálogo é também uma realidade fronteiriça para a fé cristã e a igreja. Mostra que a plenitude da confissão de fé se alcança na interconfessionalidade, e a plenitude da igreja se dá na intereclesialidade. O ecumenismo é essa região de fronteira, onde acontecem encontros, complementariedade e comunhão. É na fronteira ecumênica que se ampliam os territórios das igrejas e se propõe mesmo “uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos” (EG 210).

Por isso, “a cultura do diálogo como caminho” requer a coragem de compreender-se numa região fronteiriça nos âmbitos da doutrina, da espiritualidade, da organização eclesial e da missão. Saber viver na fronteira é saber conviver. Isso requer das igrejas: a) humildade, pois nenhuma possui toda a verdade; b) convicção acerca da própria identidade; c) confiança na igreja interlocutora e companheira de caminhada. São atitudes fundamentais para uma hermenêutica ecumênica na América Latina.

b) “A colaboração como conduta”

O ato de caminhar juntos possibilita às igrejas um agir comum, colaborar em diversos projetos. A colaboração não deve ser apenas circunstancial, mas ser uma “conduta” constante. Então, colaborar significa uma postura caracterizada pela disponibilidade de ser-com, como um estilo e comportamento desenvolvidos em relação à outra igreja, a outro entendimento e vivência da fé cristã. Esse comportamento, de um lado, expressa reconhecimento dos valores e das necessidades da minha e também das outras igrejas. De outro lado, manifesta disponibilidade para o serviço comum. E não se faz tudo sozinho. A “colaboração como conduta” faz com que todos sejam sujeitos ativos nos processos de discussão e decisão sobre caminhos a serem tomados, a compreensão da meta e do jeito de caminhar, permitindo experimentar agora a unidade que se



busca no futuro: “A unidade não acontecerá como um milagre no fim: a unidade acontece no caminho, a realiza o Espírito Santo ao longo do caminho”.²¹

Isso possibilita às igrejas desenvolverem processos de aprendizagem, de conhecimento mútuo, a cooperação no testemunho do Evangelho, a prática da solidariedade social e ações missionárias e diaconais comuns: “Perguntemo-nos então: o que podemos fazer juntos? Se um serviço é possível, por que não projetá-lo e realizá-lo conjuntamente, começando a experimentar uma fraternidade mais intensa no exercício da caridade concreta?”.²² Na América Latina, urge o trabalho conjunto das igrejas para a promoção humana, a defesa dos direitos humanos, a construção da justiça e da paz e a defesa da integridade da criação. O Papa Francisco estimula tais iniciativas como testemunho do Evangelho: “A credibilidade do Evangelho é testada pela maneira como os cristãos respondem ao clamor de quantos, injustamente, nos diferentes cantos da terra, são vítimas do trágico aumento de uma exclusão que, gerando pobreza, fomenta os conflitos”.²³ Trata-se de um ecumenismo de serviço, que fortalece as igrejas na *martyria*, na *leiturgia* e na *diaconia* cristãs. É um ecumenismo solidário que conclama as igrejas para atuarem juntas em questões políticas, econômicas, culturais e ambientais.

c) “O conhecimento mútuo como método e critério”

O fato de estar no mesmo caminho, seguindo na mesma direção e de agir juntos possibilita que os peregrinos se deem a conhecer e conheçam os/as companheiros/as de estrada. O conhecimento mútuo é tanto resultado do caminhar e agir comuns quanto método e critério para isso. É na medida em que se progride no conhecimento de quem é parceiro/a de estrada que é possível acertar o caminho e o jeito de caminhar. Isso desafia, mas também impulsiona a interação das teologias das igrejas, desenvolvendo uma hermenêutica ecumênica propícia para identificar o universo semântico das próprias categorias; integrar-se no contexto de suas linguagens e aproximá-las; traduzir a fé das igrejas com categorias compreensíveis a todas.

²¹ FRANCISCO. Homilia durante a Celebração das Vésperas na Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo (25/01/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140125_vespri-conversione-san-paolo.html. Acesso: 22 jun. 2023.

²² FRANCISCO. Discurso na visita ao Conselho Mundial de Igrejas (21/06/2018). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html. Acesso: 27 de maio, 2023.

²³ FRANCISCO, 2018.



Para isso, é fundamental que uma igreja saiba colher das outras igrejas “o que o Espírito semeou” (EG 246), valorizando-as em suas especificidades teológicas e doutrinárias. As igrejas na América Latina mostram-se com pouca experiência nesse processo. Nem todas estão disponíveis a colocarem suas doutrinas à mesa do diálogo, permitir questionamentos e admitir enriquecimentos a partir de outras igrejas. O Papa Francisco estimula para isso, num diálogo baseado “no aprofundamento da verdade toda inteira que Cristo doou à sua Igreja e que, movidos pelo Espírito Santo, não deixamos nunca de compreender melhor”.²⁴ Nenhuma doutrina exaure o Evangelho, de modo que as igrejas devem estar disponíveis a um “conhecimento ainda mais profundo das tradições de cada um para as compreender e aprender com elas”²⁵, por um “intercâmbio de dons” (EG 246).

Com isso, são fortalecidos também os instrumentos de diálogo existentes na América Latina, como os Conselhos de Igrejas²⁶, as comissões bilaterais e multilaterais de diálogo oficial e as diferentes organizações ecumênicas autônomas. É estimulada a colaboração na formação das comunidades, em áreas como a Bíblia, a teologia, a pastoral, a história e a espiritualidade. Muito já se caminhou nessa direção por instituições como o Instituto Superior de Estudos Teológicos - ISEDET, existente na Argentina desde 1969 e atualmente composto por 9 igrejas; a Fraternidade Teológica Latino-Americana (1970); a Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASSET - sigla em inglês, EATWOT, 1975); o Centro de Estudos Bíblicos (1979), entre outros. Diferentes faculdades de teologia contemplam em seus currículos o estudo do ecumenismo, e Programas de Pós-Graduação o têm como objeto de pesquisa em nível acadêmico avançado. Os

²⁴ FRANCISCO; BARTOLOMEU I. “Declaração conjunta”, n. 4. (Jerusalém, 25/05/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-dichiarazione-congiunta.html

²⁵ PAPA FRANCISCO; BARTOLOMEU I, 2014, n. 4.

²⁶ Na América Latina, existem 13 Conselhos de Igrejas em nível nacional, dos quais a Igreja Católica Romana participa de oito através de uma Conferência Episcopal ou uma arquidiocese: *Argentina*: Federación Argentina de Iglesias Evangélicas - FAIE, 1957; Comisión Ecuménica de Iglesias Cristianas en la Argentina - CEICA, 1988 (*presença da Igreja Católica*); Confederación Evangélica Pentecostal - CEP, 1977. *Chile*: Fraternidad Ecuménica de Chile - FRAECH, 1973 (*presença da Igreja Católica*); Confraternidad Christiana de Iglesias - CCI, 1981. *Colômbia*: Red Ecuménica de Colombia, 1981 (*presença da Igreja Católica*). *Panamá*: Comité Ecuménico de Panamá - COEPA, 1986 (*presença da Igreja Católica*). *Peru*: Concilio Nacional Evangélico del Perú - CONEP, 1940. *Uruguai*: Federación de Iglesias Evangélicas del Uruguay - FIEU, 1956; Consejo de Iglesias Cristianas del Uruguay - CICU, 1998 (*presença da Igreja Católica*). *Brasil*: Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, CONIC, 1982 (*Presença da Igreja Católica*); Coordenadoria Ecumênica de Serviços - CESE, 1973; (*Presença da Igreja Católica*); Coordenadoria Ecumênica de Serviços, CESE, 1973, (*Presença da Igreja Católica*). E 1 Conselho em nível continental - o Conselho Latino-Americano de Igrejas - CLAI, (1982).



resultados desses esforços, infelizmente, ainda não têm incidência efetiva na doutrina das igrejas, nas suas estruturas e no agir missionário. E por isso é de fundamental importância a perseverança no caminho ecumênico, como propõe o Vaticano II, tendo presente o ensino do Papa Francisco sobre “O conhecimento mútuo como método e critério” para uma hermenêutica ecumênica das questões teológicas e doutrinárias nas quais as igrejas ainda divergem.

Considerações finais

O Papa Francisco é, decididamente, um homem do diálogo, e o propõe como uma “cultura” para as pessoas e os povos. Com isso, impulsiona o encontro de culturas, igrejas e religiões, fortalecendo o ecumenismo em nosso tempo. Em seu ensino, mais prático do que teórico, ele aponta elementos para o discernimento dos desafios que o pluralismo eclesial apresenta para o testemunho comum do Evangelho e caminhos para superar tais desafios. Desses caminhos, destaca-se a fidelidade corajosa e revigorada ao ensino ecumênico do Concílio Vaticano II; uma revisão corajosa de categorias e linguagens com as quais a igreja expressa suas doutrinas; e a concepção de que é caminhando juntas que as igrejas podem melhor compreender as riquezas do Evangelho e testemunhá-lo no mundo atual.

Importa destacar que, no magistério de Francisco, o ecumenismo entre as igrejas não está dissociado de outras formas de diálogo, sobretudo intercultural e inter-religioso, e essa interação se faz cada vez mais necessária para o enfrentamento dos desafios que toda a humanidade enfrenta hoje, como a promoção da justiça e da paz no mundo e a defesa da integridade da criação. Trata-se de um “ecumenismo em saída” para colaborar com todas as iniciativas que favorecem a vida, humana e do planeta.

Isso impulsiona as igrejas na América Latina a assumirem corajosamente o ecumenismo, como um jeito próprio de caminhar no atual mundo plural, situando-se com postura dialogal no contexto de diversidade religiosa. O magistério do Papa Francisco contribui para isso com a proposta de reformas eclesiais e de conversão pastoral, estimulando o desenvolvimento de novas hermenêuticas da fé cristã, tornando-a mais compreensível nos diferentes contextos dos povos latino-americanos e com mais plausibilidade de acolhida nesses contextos. Não se trata de uma questão apenas *ad intra ecclesia*, mas de um “ecumenismo em saída” para novas relações com a diversidade cultural e religiosa da América Latina. E nesse esforço, as igrejas na América Latina são



chamadas a adotar “o diálogo como caminho, a colaboração como conduta e o conhecimento mútuo como método e critério”, impulsionando o movimento ecumênico na região.

Referências

ANDRADE, Rodrigo. Os discursos ecumênicos do papa Francisco: avanços na direção da unidade dos cristãos. *Caminhos de Diálogo*, v. 6, n. 8, 2018, p. 42-53.

BIASIN, Francisco. Novo impulso ao ecumenismo e ao diálogo nas palavras e nos gestos de Papa Francisco. In DA SILVA, David; NOBRE, José Aguiar. *O Projeto de Francisco*, 2023, p. 326-346.

BINGEMER, Maria Clara L. A teologia na universidade: desafios e perspectivas, em FREITAS, Maria Carmelita de, (ed.), *Teologia e sociedade: relevância e funções*. Belo Horizonte: SOTER. Paulinas, São Paulo, 2006, p. 167-195.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLET, Raquel de Fátima. Sinodalidade e diálogo: imperativos ecumênicos para o “caminhar juntos” a partir do sínodo 2021-2024. *Caminhos de diálogo*, v. 11, n. 18, 2023, p. 92-102.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis redintegratio* (UR). São Paulo: Paulus, 2007, p. 2150240.

Entrevista do secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, Olav Fykse Tveit, (15/05/2018).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CULLMANN, Oscar. *L'unità attraverso la diversità. Il suo fondamento e il problema della sua realizzazione*. Brescia: Queriniana, 1987.

FÉ E CONSTITUIÇÃO. *A Treasure in Earthen Vessels – An instrument for an ecumenical reflection on hermeneutics*. Bialystok (Polônia) 1998.

FRANCISCO. Meditação na Divina Liturgia. (Istambul, 30/11/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141130_divina-liturgia-turchia.pdf. Acesso: 25/06/2023.

FRANCISCO. Homília durante a Celebração das Vésperas na Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo (25/01/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140125_vespri-conversione-san-paolo.html. Acesso: 22/06/2023.



FRANCISCO; BARTOLOMEU I. “Declaração conjunta”. (Jerusalém, 25/05/2014). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-dichiarazione-congiunta.html. Acesso: 27/05/2023.

FRANCISCO. Discurso na visita ao Conselho Mundial de Igrejas (Genebra, 21/06/2018). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html. Acesso: 01/06/2023.

FRANCISCO; AL-TAYYEB, Al-Azhar Ahmad, “Documento sobre a fraternidade humana. Em prol da paz mundial e da convivência comum” (Abu Dabhi, 04/02/2019). Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso: 30/06/2023.

FRANCISCO. “Discurso aos participantes do Congresso sobre universidades católicas na América Latina e Caribe” (Vaticano, 04/05/2023) Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/may/documents/20230504-universidades-catolicas.html>. Acesso: 04/06/2023.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG). São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Carta encíclica Laudato Si’*. Sobre o cuidado da casa comum (LS). São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social (FI). São Paulo: Paulinas, 2020.

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. Fundamentalismo e imperialismo na América Latina: ações e resistências. Introdução. *Dossiê* n. 59, dez. 2022, p. 6-8.

MONDIN, Battista. *Introduzione alla teologia*. Milano: Massimo, 1983.

RABOLINI, Luisa (trad.). Papa Francisco no CMI: o rev. Tveit afirma que é um "marco histórico na busca da unidade cristã e cooperação das Igrejas". (Genebra, 15 maio de 2018). Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/579068-papa-francisco-no-cmi-o-rev-tveit-afirma-que-e-um-marco-historico-na-busca-da-unidade-crista-e-cooperacao-das-igrejas>. Acesso: 14/06/2023.

SINNER, Rudolf von, “Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural. Reflexões sobre contextualidade e catolicidade”, *Estudos Teológicos* 44, 2004, p. 26-57.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

17

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

WOLFF, Elias. “Methodological principles for a Latin American ecumenical theology”. *Gregorianum* n. 100, v. 3, 2019. p. 537-558.

_____. Coleção Teologia Ecumênica Latino-Americana. *Caminhos de Diálogo*, v. 11, n. 18, 2023, p. 154-156.